

**FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E ENSINO DA FILOSOFIA:
uma escola de democracia**

[PHILOSOPHY OF EDUCATION AND THE TEACHING OF PHILOSOPHY:
a means to foster democracy]

Emanuel Oliveira Medeiros
emedeiros@sapo.pt

Doutorado (2003) e Agregado (2011) em Educação e na Especialidade de Filosofia da Educação, pela Universidade dos Açores. É Autor de diversas publicações na área da Educação, Filosofia e Cultura e tem organizado e participado em vários colóquios, encontros e conferências nacionais e internacionais nas áreas da Filosofia da Educação, Currículo, Didáticas e Formação de Professores. Entre 207 e 2016, foi membro integrado de Grupos de Investigação do Gabinete de Filosofia da Educação do Instituto de Filosofia (I&D502/FCT) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Integrado e foi Membro Fundador da SOFELP (Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa) e faz parte do IFLB (Instituto de Filosofia Luso Brasileira). Integra várias Associações e Sociedades Científicas, bem como vários conselhos científicos de revistas nacionais e estrangeiras. Desde 2015, integra, como Membro Fundador, o Centro de Estudos Humanísticos da UAç. Tem vários livros publicados, como Autor Único e livros coordenados.

DOI: [10.25244/uf.v12i2.289](https://doi.org/10.25244/uf.v12i2.289)

Recebido em: 01 de novembro de 2019. Aprovado em: 25/03/2020

Caicó, ano 12, n. 2, Jul.-Dez., 2019, p. 89-100, ISSN 1984 - 5561
Fluxo Contínuo



DOI: [10.25244/uf.v12i2.289](https://doi.org/10.25244/uf.v12i2.289)**Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia**

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

Resumo: A Filosofia da Educação é, por excelência, uma área e disciplina fundamental para uma reflexão, sistemática e fundamentada, para suscitar e desenvolver uma reflexão e análise sobre a Educação e os Sistemas Educativos, formais ou não formais, mas sempre contextos educativos e formativos. A Educação ao Longo da Vida exige saber pensar – e meditar - em dinâmicas de enraizamento do verbo viver e da coexistência. A Filosofia é – deve ser – formativa. Só assim encontra o seu sentido na e para a vida das pessoas, nas instituições e para os Estados. O ensino da Filosofia, para ser questionante e problematizador, como deve ser, exige uma Filosofia da Educação, que deve irrigar, como seiva, todos os Saberes, de modo específico e transversal. Defendemos, na linha da UNESCO, que a Filosofia deve ser para todos. Deste modo, há, deve haver, uma relação, entre a Filosofia da Educação e o ensino da Filosofia com fortes implicações na vida de todos e nas Instituições. Mas tudo isso exige pessoas bem formadas e capazes de, em cada circunstância, intervirem para desenvolver a Democracia, que nunca é um dado, mas é um imperativo para que todos tenham Direito a Ser, que é, na sua essência, uma Dignidade intrínseca. Precisamos que todas áreas do Conhecimento estejam ao Serviço do Ser Humano, em civilidade e realização.

Palavras-chave: Filosofia da Educação. Ensino. Escola de Democracia.

Abstract: The Philosophy of Education is a prime and unique area and discipline to carry out systematic and well-reasoned reflection and to reflect and analyze formal and non-formal Education and Educational Systems, as long as such reflection involves educational and training contexts. Lifelong Education requires us to know how to think – and meditate – on the rooting dynamics of the verb live and of coexistence. Philosophy is – must be – formative. This is the only way for us to find its meaning in and for people’s lives, in institutions and for States. For the teaching of Philosophy to question and problematize reality – as it should do, there has to be a Philosophy of Education, which must irrigate, as a sap, all Knowledge in a specific and comprehensive way. In line with UNESCO, we argue that Philosophy should be for everyone. Therefore, there is – there must be – a relationship between the Philosophy of Education and the teaching of Philosophy with great implications for everyone’s lives and for Institutions. However, all of this requires well-trained people who can intervene in every circumstance to foster Democracy, which is never a given but an imperative for everyone to have the Right to Be, which is essentially an intrinsic Dignity. We need all areas of knowledge to be at the Service of the Human Being in civility and fulfillment.

Keywords: Philosophy of Education. Teaching, School of Democracy.

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

Consoante a organização funcional e ou institucional, podemos considerar a Filosofia da Educação na área científica da Educação ou na área científica da Filosofia. O que importa é que haja uma fecundidade entre Filosofia e Educação. Mas, na prática e na teoria, não é a mesma coisa. Também depende da sensibilidade pessoal de cada investigador e da sua formação de base. Também pode, até, acontecer pessoas sem formação explícita em Filosofia tornarem-se bons filósofos/as da Educação. Mas isto só acontece quando há um grande investimento e a pessoa começar a ficar munida de dispositivos conceituais mas, acima de tudo, de uma prática reflexiva organizada e com um nível de cientificidade, que também pode decorrer da própria experiência, da prática do pensar, da investigação e da escrita, em dinâmicas de questionamento. É preciso exercer a liberdade do pensar e da expressão do pensamento.

O ensino da Filosofia é fundamental em todos os países e Estados. E um Estado tem um estatuto tanto mais respeitável quanto contribuir para o ensino das humanidades. Mais cedo ou mais tarde, todos descobrem o proveito individual e coletivo do ensino da Filosofia e das humanidades em geral, mas é preciso que as humanidades nos tornem cada vez mais humanos. Leia-se, também a esse propósito, o livro *O Silêncio dos Livros*, de Georges Steiner. Não podemos fazer cedências a qualquer forma totalitária de agir. E essas tentações também podem atacar certos académicos. Há, pois, que estar vigilantes e ser críticos. A crítica é uma faculdade que permite o desenvolvimento do ser e do conhecimento que, para o ser, tem de ser humano, mesmo que se trate das ciências da natureza, da Física, da Química ou outras. Além disso há que valorar e desenvolver práticas de saber interdisciplinares, entre letras e ciências. Edgar Morin sempre defendeu esse paradigma e sempre deu provas, na sua vida, da importância e alcance do pensamento complexo, da complexidade, que, afinal, nos torna mais humildes e colaborantes uns com os outros. As partilhas do conhecimento edificam humanamente o Ser Humano, a Pessoa que quer e deseja realizar a sua essência de ser pessoa. Defendemos uma conceção e praxis humanista onde todos têm e tenham lugar, em que cada pessoa possa dizer "a sua palavra", como sempre defendeu Paulo Freire, numa posição filosófica que recusa quaisquer extremos. Pelo contrário, o pensamento de Paulo Freire, não sendo neutral, como é óbvio, permite congrega vontades de pessoas de vários quadrantes ideológicos. Mais do que uma questão ideológica estrita é, acima de tudo, uma questão de valores. Pessoas bem formadas, também em criticidade e empenho, são mais exigentes, mais contribuintes, do ponto de vista cívico.

Desde cedo no meu percurso, como Professor e Investigador, interessei-me pelo Pensamento e Obra de Paulo Freire. Em 2000 foi publicado, em Livro de Homenagem ao Professor Doutor José Ribeiro Dias, um artigo que intitulei assim: "O Currículo como *Praxis* Libertadora: Uma Reflexão A Propósito de Paulo Freire". Depois de ler Paulo Freire, sempre senti que o livro *Pedagogia do Oprimido* seria, (in)felizmente, um clássico contemporâneo. Observo e acompanho, também neste primeiro quartel do século XXI, o que se passa no mundo, vejo que não me enganei. Os modismos, efémeros, sem fundamento, nem fundamentação, - com o preconceito do essencialismo, que não significa essência, - esquecem o Humano que habita cada pessoa, - de modo inalienável - como sujeito individual, e cada Povo, como sujeito, geral, coletivo. A consciência, a liberdade e o desenvolvimento integral estão interligados. A tomada de consciência é condição de afirmação de valores, de convicções e causas, em diversidade e em unidade, sem qualquer tentação hegemónica. Os valores só podem ser razão para afirmar as diferenças e o que nos une como seres humanos, neste mundo desumano. É preciso ouvir o grito de Nietzsche em *Humano, Demasiado Humano*, no qual desmascara a mentira das "pessoas fictícias". Quanta autenticidade ontológica não está no subsolo dos escritos de Nietzsche. E é preciso sermos sempre mais cautelosos,

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

também no domínio da Antropologia Humana. Afirma Nietzsche: “A brevidade da vida humana conduz a muitas afirmações errôneas acerca das características do homem” (NIETZSCHE, 1997, p. 66-67).

Há uma ligação vital entre Filosofia da Educação e Ensino da Filosofia. Podemos perspectivar essa relação em vários autores e numa intertextualidade entre autores, em convergências e divergências, no respeito pela pluralidade das concepções e das práticas, sem abdicarmos dos nossos próprios pontos de vista, que também se constroem em consonâncias e dissonâncias epistemológicas. Para além do conhecimento, considero que é fundamental o vínculo à verdade. Sem a verdade e o respeito pela verdade não há, no fundo, um respeito pela pessoa humana. Hoje fala-se de um "Regresso do Humano" mas esse regresso não é possível sem uma metafísica, uma metafísica de carne e osso, em que cada pessoa seja aceite na sua diversidade na unidade do respeito pelos valores universais da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Mas esses valores estão em crise, até na Europa, na própria França. Onde está a fisionomia das atitudes humanas? Onde estamos a aprender a ser pessoas?

O exercício da liberdade é fundamental. Não podemos vir a este mundo e deixá-lo mais insípido. Mas a liberdade dá-se num universo axiológico mais complexo, para a pessoa, ela mesma, nas comunidades humanas e no Estado. A organização política do Estado e das sociedades, no respeito pelos valores humanos universais, constitui uma base fundamental para o desenvolvimento integral de cada pessoa, ao longo da sua existência, incluindo tempos e etapas de vulnerabilidade, que exige maior atenção para com a condição em que o outro se encontra. O outro interpela-me, sempre, na linha de Lévinas. O todo não é uma totalização. O todo é uma complexidade aberta em dinâmicas de ser e para ser. É preciso sublinhar que colocar a universalidade dos valores não prescinde de colocar a emergência da sua contingência e a sua realidade concreta. Mas sem direccionar para um ponto mais alto cai-se, perigosamente, na alienação, do pensamento vazio ou da ação sem conteúdo. O pensamento e a ação estão numa dialética permanente, é, no fundo, o sentido de *praxis*. Pensar estas questões é ação, a teoria tem muito de ação e a ação tem muito de teoria. Na sua raiz etimológica, teoria implica ver. E como o ver nos abre à maravilha da vida e da realidade ou nos mostra aquilo que não é bom ou até é monstruoso. E todas as monstruosidades não podem ter lugar, têm de ser eliminadas. Somos criados para a Beleza e para os valores maiores.

Nestes nossos tempos, em educação, e não só, é preciso saber conjugar, melhor, harmonizar, sempre que possível, ação e contemplação. Edgar Morin fala em ecologia da ação. Uma vez iniciada uma série causal, não sabemos o curso e o percurso das coisas. Por isso o agir tem de ser prudente e sensato, mas para que o seja a intenção tem de ser reta e correta. E isto é tanto mais necessário quanto mais complexa é a realidade. Edgar Morin pensa a complexidade e busca sempre descobrir os sentidos e a complexidade da realidade da vida, em todas as suas dimensões. A complexidade é da natureza da vida e, ao mesmo tempo, é uma chave hermenêutica.

No contexto desta reflexão, referimos dois livros de Edgar Morin: *Repensar a Reforma. Reformar o Pensamento. A Cabeça bem feita*. O outro livro tem o seguinte título: *Os Sete Saberes Para a Educação do Futuro*.

A Reforma do Pensamento deve ter “consequências existenciais, éticas e cívicas” (MORIN, 2002, p. 104). Os espíritos precisam de ser reformados para que haja verdadeira reforma na educação. Mas Edgar Morin fala num “impasse” que convém considerar: “Não se pode reformar a instituição sem ter previamente reformado os espíritos, mas não se pode

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

reformular os espíritos se previamente não se reformarem as instituições” (MORIN, 2002, p. 105). Edgar Morin caracteriza o estado da educação como “A enorme máquina da educação é rígida, endurecida, coriácea, burocratizada.” (MORIN, 2002, p. 105).

Edgar Morin salienta a profunda ligação entre amor e missão, em educação. Afirma Edgar Morin: “A missão supõe, evidentemente, a fé, aqui fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano.” (MORIN, 2002, p. 108). É de destacar o facto de Edgar Morin falar e até explicitar alguns dos que considera “os traços essenciais da missão docente”. O docente deve ser uma pessoa, um sujeito, de missão.

Pela sua importância, explicitamos “os traços essenciais da missão docente”:

- Fornecer uma cultura que permita distinguir, contextualizar, globalizar, dedicar-se aos problemas multinacionais, globais e fundamentais;
- Preparar os espíritos para responder aos desafios que coloca, à condição humana, a complexidade crescente dos problemas;
- Preparar os espíritos a enfrentar as incertezas que não param de crescer, não só fazendo-lhes descobrir a história incerta e aleatória do Universo, da vida, da humanidade, mas favorecendo neles a inteligência estratégica e a aposta num mundo melhor;
- Educar para a compreensão humana entre próximos e afastados;
- Ensinar a afiliação ao país, à sua história, à sua cultura, à cidadania republicana, e introduzir a afiliação à Europa;
- Ensinar a cidadania terrestre, ensinando a humanidade na sua unidade antropológica e as suas diversidades individuais e culturais, assim como na sua comunidade de destino próprio à era planetária, onde todos os humanos são confrontados com os mesmos problemas vitais e mortais. (MORIN, 2002, pp: 108-109).

Edgar Morin procura e enfatiza a necessidade de se “reencontrar as missões”. Ora, há uma forte ligação entre amor e missão. Só o amor liga, compromete e faz empenhar. Dá sentido e vida. Quem não ama a sua profissão burocratiza-a e, no limite, pode, até, destruí-la. É a ideia, perigosa, de funcionarização do humano, perigo para o qual advertia Gabriel Marcel.

Temos defendido uma relação entre Filosofia da Educação e Ensino da Filosofia, aspetos específicos e, ao mesmo tempo proporcionar uma transversalidade, útil a outros saberes disciplinares e interdisciplinares.

A Filosofia da Educação e o Ensino da Filosofia tem ocupado autores/as brasileiros que têm produzidos trabalhos de reflexão e de investigação da maior importância e relevância. Entre muitos outros, citamos, por exemplo, os professores Antônio Joaquim Severino, Cleide Rita Silvério de Almeida e Marcos Antônio Lorieri que, em 2011 publicaram, como organizadores, um livro coletivo intitulado “*perspectiva da filosofia da educação*”, no qual também colaboraram vários autores portugueses. Como produções individuais referimos, entre muitos outros possíveis, Antônio Joaquim Severino, que tem um livro intitulado *Educação, sujeito e história* (2001); De Terezinha Azerêdo Rios referimos *Compreender e Ensinar. Por uma docência da melhor qualidade* (2008); De Elisabete M. Tomazetti indicamos o livro *Filosofia da Educação. Um Estudo sobre a História da Disciplina no Brasil* (2003). De Moacir Gadoti

DOI: 10.25244/uf.v12i2.289

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

refiro *Pensamento Pedagógico Brasileiro* (2008). De Dermeval Saviani destaco Pedagogia Histórico-Crítica. De Maria Lúcia de Arruda Aranha refiro o livro *Filosofia da Educação*.

Nestes nossos tempos importa defender, em termos conceituais, e demonstrar também com estudos com componentes reflexivas e empíricas, que o ensino da Filosofia e das Humanidades são muito importantes para a formação integral de todos, nas diferentes idades, como pessoas, cidadãos e (futuros) profissionais. O pensar, de matriz filosófica, ou que vai adquirindo uma dinâmica filosófica, é da maior importância para um agir responsável, livre e consciente. Estas três palavras são profundas e exigem uma atenção e um cuidado no fazer-se da pessoa que se é e que vai formando, quer nas dimensões da existência quer nas dimensões do conhecimento ou outros. Há sempre uma interação dialética entre teoria e prática, entre filosofia e filosofar. É no núcleo do filosofar que se encontra a dinâmica do pensar, num caminhar reflexivo, de ação, de admiração e de contemplação. Torna-se importante, decisivo, que todos os seres humanos acedam, por diversas vias, aos saberes filosóficos. Aceder ao pensamento filosófico e cultivar a atitude filosófica torna-nos, pode tornar-nos melhores cidadãos e, assim, fazer amadurecer a democracia, nela participando de modo ativo e problematizador.

Afirma Marcos Antônio Lorieri em *Perspectivas da Filosofia da Educação*:

Os seres humanos se fazem, formam-se, educam-se no seu agir no seu mundo, com o mundo, uns com os outros, num dinamismo constante de ir e vir, de devir ou de devires, em relações antagónicas e ao mesmo tempo complementares. O agir humano é sempre prático-teórico ou teórico-prático. Assim é o agir educativo. Ambas se formam mutuamente – se informam – produzindo o agir especificamente humano. Filosofar é agir teoricamente in-formado pela prática e educar é agir praticamente informado, também, pelo filosofar. O filosofar in-forma o educar ao menos sob três perspetivas: pensa e diz do educar; é conteúdo necessário na formação de educadores, agentes teórico-práticos do educar e é conteúdo necessário na formação de crianças e jovens no seu agir formativo, também teórico-prático (LORIERI, 2011, p. 9).

Todas estas questões entroncam, de um modo ou de outro, no ensino mas num ensino que se quer pensado e problematizado, desde logo integrando as dimensões biográficas numa reflexão e produção científica. A ciência, em educação e em filosofia, não se faz sem reflexão, que é um modo rigoroso de colocar os temas e problemas de um ponto de vista teórico e prático. Essa problematização incorpora-se numa escola de cidadania, melhor, numa escola de Democracia. Afirma Terezinha Azerêdo Rios no livro *Compreender e Ensinar. Por uma docência da melhor qualidade*:

Minha preocupação com o ensino não nasce apenas num contexto geral de educação. Ela se abriga no interior do cotidiano de meu ofício, na prática de um *ensino de filosofia*. Portanto, volta-se para as questões que envolvem uma *Didática da Filosofia*, uma análise crítica da especificidade do ensino de uma área determinada de conhecimento. Por outro lado, debruça-se sobre a contribuição possível de uma Filosofia da Didática, no

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

sentido de busca dos fundamentos de uma ciência que tem como objeto o gesto educativo que chamamos de ensinar. Entretanto, este trabalho não pretende ser qualificado como um trabalho de Didática da Filosofia ou de Filosofia da Didática. A intenção que o move é a de realizar uma articulação entre Filosofia e Didática, trazendo ao campo da Didática a reflexão filosófica, procurando fazer uma incursão da Filosofia na Didática. Minha trajetória parte da Filosofia em direção à Educação (RIOS, 2011, p. 18).

Considero estas afirmações de grande interesse e alcance formativo e científico. Neste campo de reflexão, entendo da maior pertinência alargar e colocar em relação dinâmica, em teoria e prática, a Filosofia da Educação com o Ensino da Filosofia, o que também exige uma Filosofia do Currículo, como temos procurado tematizar e aprofundar.

E toda a Educação é também um contributo para a Sociedade e para a consciência histórica, uma consciência reflexiva e crítica. Num tópico intitulado “Saber acabado *versus* Saber em Processo”, afirma Dermeval Saviani em *Pedagogia Histórico-Crítica*: “A produção social do saber é histórica, portanto não é obra de cada geração independente das demais. O problema da pedagogia é justamente permitir que as novas gerações se apropriem, sem necessidade de refazer o processo, do património da humanidade, isto é, daqueles elementos que a humanidade já produziu e elaborou” (SAVIANI, 1991, p. 78.)

Podemos, em síntese, nesta fase, afirmar que é preciso um movimento entre as ideias e a prática, em praxis, que nunca anula, pelo contrário, a utopia, que move a nossa história, individual e coletiva, colocando em diálogo o passado, o presente e o futuro. Há como que, em termos de Filosofia da História, uma luz que atravessa esses vários estados e estádios do tempo.

No livro *Pensamento Pedagógico Brasileiro*, Moacir Gadoti tematiza “A Educação como passagem do senso comum à consciência filosófica” (GADOTI, p. 8). A estrutura do livro abre-nos pistas para percorrer e elementos para aprofundar: 1. “a teoria da educação brasileira”, 2. “A educação como ato político: a “pedagogia do oprimido”; 3. “Educação da classe, educação popular e educação do sistema”; 4. “O (des)prazer de ensinar e aprender”; 5. “A paixão de conhecer o mundo”; “Crítica à escola capitalista e democratização do ensino”; 7. “A preocupação com a especificidade da educação: a “pedagogia dos conteúdos”; 8. “Educação e poder: a “pedagogia do conflito”; 9. “Advertência final – pensamento pedagógico brasileiro: unidade e diversidade”. Trata-se de pontos que merecem uma atenção mas igualmente uma reflexão crítica. Parece-me muito importante a referência à “pedagogia do oprimido”. Quem conhece o pensamento e ação de Paulo Freire sabe que é um desafio a assumir a dimensão histórica de sermos pessoas, de dizermos a nossa palavra, a nossa e não outros por nós. Quanto à expressão “educação de classe” prefiro falar em diferentes condições sociais, em mobilidade e ascensão, todos, para, em democracia, e aprofundando a democracia, serem mais, ser mais é a nossa vocação, como defendia Paulo Freire. As suas obras e o seu pensamento para isso nos mobilizam. Outro aspeto, é importante, a meu ver, não opor conteúdos e processos de ensino, em dinâmicas de competências, de valores, de atitudes e capacidades. Por outro lado, “conflito” como sinónimo de dinâmica, não de guerra, mas de paz ativa e esclarecida. A paz social e a paz, ela mesma, é condição de ser e de bem-estar integral. As pessoas e os povos aspiram à Paz. A ONU nasceu com esse objetivo e a UNESCO traz para a Educação esse ideal. A Paz é condição de desenvolvimento. A Paz dá Alegria e o Mundo precisa de Paz e de Alegria, de uma distribuição justa da riqueza. O Papa

DOI: 10.25244/uf.v12i2.289

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

João Paulo II falava nos direitos humanos e nos direitos das nações, ele próprio viu a sua amada Polónia ser invadida por forças mortíferas de extrema direita e extrema esquerda. O humanismo é sempre a via certa, porque é o nosso centro, porque é o nosso elemento, a nossa essência e a nossa razão de ser.

Ao longo do tempo, tem-me interessado um aprofundamento das concepções e das práticas do ensino da Filosofia, bem como, como é natural, um aprofundamento das ideias, das questões e dos problemas, com proveniência empírica, ou não, decorrente de alterações curriculares, ou não. O que importa é estar atento a tudo o que faz avançar o conhecimento e aprofundar a reflexão, tendo em vista o bem de cada pessoa e o bem comum. Todos os tempos históricos interessam, vivências e figuras.

Num estudo efetuado, publicado em 2002, e que mantém plena atualidade e interesse, reflexivo e empírico, o tema foi *A Filosofia na Educação Secundária. Uma Reflexão no Contexto da Reforma Curricular e Educativa*. Apliquei um inquérito por questionário a alunos de Filosofia do 11º ano e do 12º ano, bem como a professores de Filosofia, tendo em vista aceder a outras fontes de conhecimento, através dos sujeitos epistémicos. A amostra foi altamente significativa. Neste momento, detemos-nos nos elementos quantitativos para afirmar que uma elevada percentagem de alunos do 11º ano e 12º ano valoram na Filosofia o facto de esta disciplina desenvolver as seguintes capacidades:

- Capacidade de refletir
- Capacidade de Comunicar
- Capacidade de relacionar os conhecimentos
- Capacidade de despertar para a realidade e seus problemas
- Capacidade de interrograr e interrograr-se
- Capacidade de (re)construir os conhecimentos
- Capacidade de desenvolvimento pessoal e social (MEDEIROS, 2002, p. 221).

Todas estas capacidades pressupõem o desenvolvimento de certas técnicas e arte de saber ensinar, muitas vezes mais do que Filosofia a filosofar, uma questão que já vem de Hegel e de Kant.

No caso do ensino secundário, quer através de estudo, quer através de experiência de lecionação (10º, 11º e 12º) é fundamental uma diversidade de métodos, entre os quais é sempre da maior importância o método fenomenológico, que vai “do vivido ao pensado”. Das colheitas qualitativas, recolhidas nos inquéritos, escolhi uma afirmação nuclear que está no livro, então, publicado. Afirmou um/a aluno/a do 11º ano:

Uma aula de Filosofia deve, em primeiro lugar, ser acessível a todos os alunos, ou seja não deve partir da Filosofia para a vida, mas sim da vida para a Filosofia, de modo a que os alunos consigam compreender de que forma a Filosofia se pode contextualizar nas suas vidas.

Esta afirmação abre-nos para um sentido democrático da Filosofia e da importância da Filosofia para ajudar a promover comunidades e uma Sociedade democrática, sem retirar exigência à Filosofia, até porque todos, com métodos diferentes, têm direito e possibilidade

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

de aceder a um ensino de qualidade. Haverá realidade mais exigente e complexa do que a vida, em si mesma, e em nós? Há, naquela afirmação, várias dimensões implícitas, designadamente existenciais, epistemológicas e gnoseológicas, ontológicas, comunicacionais e de compreensão.

Num estudo e investigação, efetuado também por mim, em publicação de 2005 o tema foi: *A Filosofia como Centro do Currículo na Educação ao Longo da Vida*.

Para além da forte densidade conceptual e de enquadramento, o referido trabalho também tem uma componente empírica, no sentido em que apliquei um inquérito por questionário, com perguntas abertas e outras fechadas, a alunos do 11º, 12º e a professores de Filosofia. Foi uma amostra muitíssimo significativa. Além disto, tal como no estudo anterior, permitiu obter dados quantitativos e qualitativos. Procurámos indagar as percepções de alunos e professores.

A atitude de filosofar é fundamental para uma formação ao longo da vida. Na educação, em todos os níveis de ensino, é fundamental a referência aos conhecimentos, capacidades, competência, valores e atitudes. É preciso saber trabalhar tudo isso de modo equilibrado e em interligação. No estudo, e tendo em conta a formação proporcionada nos 10º, 11º e 12º anos, é de destacar as várias competências e o desenvolvimento que proporcionam. De acordo com o estudo, destacamos essas “Competências”, que têm de estar vinculadas, de modo ativo aos saberes, enraizados e que se podem transferir ou transplantar. Vejamos essas Competências:

- Aquisição crítica de conhecimentos
- Desenvolvimento de competências intelectuais
- Desenvolvimento de atitudes pessoais e interpessoais constitutivas
- Reflexão crítica sobre os valores pessoais e sociais
- Desenvolvimento do raciocínio e do pensamento
- Curiosidade e competências de investigação em vários domínios do saber
- Aquisição de conhecimentos específicos que terão aplicação no futuro
- Aquisição de conhecimentos gerais que serão úteis em situações diferentes no futuro
- “Aprender a fazer” (componentes práticas)
- “Aprender a ser”
- “Aprender a conviver (Medeiros, 2005, p. 166).

Na investigação e reflexão, demos particular importância à “Dimensão Interventiva da Filosofia” e à “Filosofia como um Direito para todos”. (MEDEIROS, p. 167-171).

Encontramos aqui o núcleo temático e indutor que nos leva aos trabalhos da UNESCO. Assim, a Filosofia é um Direito e torna-se um Saber fundamental para a promoção da Democracia e da Cidadania. Com um influxo reflexivo da Filosofia da Educação, tudo isto se torna mais possível, desejável e realizável. O ensino da Filosofia pressupõe e veicula valores, desde logo o valor da procura da verdade, a busca da sabedoria. No fundo, a verdadeira Filosofia está em sintonia com a verdadeira universidade, desde os tempos fundacionais. Desse tempo de luz que se projeta e só essa luz pode cegar a cegueira do conhecimento e, assim, abrir brechas de luz e novos tempos de esperança, também para a Democracia. Fé, Esperança e Caridade, as três virtudes teológicas mas também humanas, numa sociedade plural, que acredite, de novo, na pessoa humana, como um facho onde o

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

futuro seja – é – possível. Temos de ser construtores de (im)possíveis e caminhar entre utopia e pragmatismo. Mas sem utopia não há futuro para uma humanidade humana, para saberes de humanidades que só podem ser humanas, para que sejam credíveis. Essa é uma exigência que obriga à Coragem de escolher, de existir e de ser. Esse é um combate para a Filosofia e o seu ensino, para todos os saberes, sem exceção, para que seja possível o fortalecimento e o dinamismo das democracias. Está nas nossas cabeças, nos nossos espíritos, nas nossas mãos fazer dos projetos políticos projetos culturais, e, na sua essência, projetos verdadeiramente humanos.

A UNESCO tem dado um forte impulso no e para o ensino da Filosofia, pondo em destaque a sua importância para a promoção da Democracia. Uma das Figuras que muito contribui nesse sentido foi Federico Mayor.

Nos dias 15 e 16 de fevereiro de 1995, a UNESCO organizou umas jornadas internacionais sobre o tema “Filosofia e democracia no mundo”. Houve, logo na ideia, a evidência de que os problemas que de que a Filosofia se ocupa interessam à existências de cada um e de todos, à escala universal. Houve mesmo a chamada “Declaração de Paris para a Filosofia”. Houve a visão clara, designadamente, de que:

- a “reflexão filosófica” pode e deve dar um contributo para a compreensão e para a condução das tarefas humanas;

- a “atividade filosófica” permite, designadamente precisar as definições dos raciocínios, examinar com atenção os argumentos uns dos outros, permitindo a cada um aprender a pensar por si próprio;

- o “ensino da filosofia” favorece a abertura de espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre os indivíduos e entre os grupos.

A Declaração sublinha o facto de a “educação filosófica” formar espíritos livres e reflexivos, o que se torna um antídoto contra várias formas de fanatismo, de intolerâncias e exclusão. Pelo contrário, o bom ensino da Filosofia deve promover a Paz, desde logo a Paz dos espíritos.

Continuando a seguir de perto a Declaração de Paris, que Roger-Pol-Droit explicita e enuncia com compreensível entusiasmo, podemos verificar algumas das linhas orientadoras e igualmente programáticas da referida Declaração:

- Garantir em toda a parte uma atividade filosófica livre, sob todas as formas e em todos os lugares onde ela possa ser exercida, junto de todos os indivíduos;
- O ensino da filosofia deve ser preservado ou alargado onde já existe, criado onde não existe ainda e nomeado explicitamente de “filosofia”
- O ensino filosófico deve ser assegurado por professores competentes, especialmente formados para o efeito e não pode estar subordinado a nenhum imperativo económico, técnico, religioso, político ou ideológico (DROIT, 1995, p. 13).

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia

MEDEIROS, Emanuel Oliveira

Vemos, pois, que a UNESCO tem no seu âmago finalidades da mais alta importância para o desenvolvimento integral das pessoas, das instituições e dos povos e assume que há uma forte relação entre Filosofia e Democracia. Eis um grande Desígnio onde ainda há muito a fazer. Mas importa olhar o entusiasmo e o realismo da percepção sobre a importância da “educação filosófica”. Eis uma razão forte para mobilizar vontades e acreditar num Mundo melhor. Há que recuperar a utopia e o sonho, em diálogo com a realidade do Mundo, sem nunca nos alienarmos nele. Pelo contrário, pelo pensamento a ação vai sempre mais além. Há sempre outras possibilidades, que estão ao nosso alcance. É preciso dar expressão à força das ideias e à generosidade das vontades. Outros mundos, melhores, são possíveis. Este é, de novo, um tempo para interpelar a Filosofia e o seu ensino, no horizonte da Filosofia da Educação.

REFERÊNCIAS

MEDEIROS, Emanuel Oliveira. O Currículo como Práxis Libertadora: Uma Reflexão a Propósito de Paulo Freire. *In*: Magalhães, Justino & Veiga, Manuel Alte da Veiga. **Prof. Dr. José Ribeiro Dias. Homenagem**. Minho: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia, 2000.

ARANHA, Maria Lúcia de. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

DROIT, Roger-Pol. **Philosophie et Démocratie dans le Monde**. Paris: Éditions Unesco, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. Brasil: Autores Associados, Ltda, 1991.

LORIERI, Marcos Antônio. Introdução. *In*: **Perspectivas da Filosofia da Educação** [co-orgs]. São Paulo: Cortez Editora, 2011..

MAYOR, Federico. Une École de Liberté. *In* : DROIT, Roger-Pol. **Philosophie et Démocratie dans le Monde**. Paris: Éditions Unesco, 1995.

MEDEIROS, Emanuel Oliveira. **A Filosofia na Educação Secundária: Uma Reflexão no Contexto da Reforma Curricular e Educativa**. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2002.

MEDEIROS, Emanuel Oliveira. **A Filosofia como Centro do Currículo na Educação ao Longo da Vida**. Lisboa: Edições Piaget (Coleção Pensamento e Filosofia), 2005.

MORIN, Edgar. **La Tête Bien Faite. Repenser la réforme. Réformer la pensée**. Paris : Éditions du Seuil, 1999.

DOI: [10.25244/uf.v12i2.289](https://doi.org/10.25244/uf.v12i2.289)

Filosofia da educação e ensino da filosofia: uma escola de democracia
MEDEIROS, Emanuel Oliveira

MORIN, Edgar. **Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento: A Cabeça Bem Feita.** Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

MORIN, Edgar. **Les septes Savoirs nécessaires à l'Éducation du Futur.** Paris : Seuil, 2000.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Para a Educação do Futuro.** Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história.** São Paulo. Olho D'Água, 2001.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.